

Gerar empregos é o grande desafio

MARIZETE MUNDIM

O grande desafio que Brasília tem pela frente é um pouco o retrato do dilema brasileiro: como garantir um processo rápido e consistente de desenvolvimento industrial, capaz de assegurar a geração de empregos para sua população crescente. O secretário de Indústria e Comércio do DF, José Ezil da Rocha, reconhece que a necessidade de promover a industrialização é impostergável. Adiar esse processo significaria criar o caos social e uma legião de desempregados.

Os setores do comércio e prestação de serviços atingiram um nível de atividade econômica tal, que a partir de agora crescerá a taxas menores, incompatíveis com o afluxo de mão-de-obra ao mercado do trabalho, avalia Ezil. Por isso é inadiável pôr em ação "um novo rotor, capaz de impulsionar o desenvolvimento. É este novo impulso terá que vir da industrialização", imagina o secretário. Informática, agroindústria e confecções são investimentos propícios ao DF, diz Ezil.

Negociação

O secretário tem gasto boa parte de seu tempo na tentativa de atrair investimentos "de fora de Brasília e até do exterior" para promover a industrialização. Diz já ter recebido manifestações de interesse de alguns dos maiores grupos empresariais brasileiros, mas evitou nominá-los: "Essas coisas a gente só fala depois de concretizadas", desculpou-se.

Um grande empecilho para a instalação de novas indústrias aqui são os altos preços dos terrenos. Nos distritos industriais de Goiânia e Anápolis, por exemplo, o governo cede os terrenos a preços simbólicos, de olho na geração de empregos e na arrecadação de impostos decorrentes da operação da fábrica. Em Brasília, entretanto, os lotes são vendidos praticamente a preço de mercado.

Para o secretário, entretanto, este não é um grande obstáculo para a vinda de investimentos. "O DF oferece condições muito interessantes para investimentos, que extrapola esta questão", garante ele. Cita, como exemplo, a localização geográfica — central e equidistante

do Sul e do Nordeste; e uma vigorosa malha rododiferroviária. O problema, neste caso, é que Goiânia e Anápolis, por exemplo, desfrutam dessas mesmas condições favoráveis.

Crescimento

O fato é que os grupos já estabelecidos no DF têm atravessado esse momento de crise com surpreendente vigor. A Encol, por exemplo, apesar do tranco promovido na economia pelo Plano Collor I e II, apresentou em seu balanço um crescimento de 35% de receita líquida, em 1990.

A indústria da construção civil de Brasília, também não tem tido do que se queixar e mostra fôlego, com a construção do shopping do Lago Norte, novos hotéis e prédios comerciais.

O Grupo Carrefour, já presente no DF há mais de 10 anos, resolveu ampliar seus negócios e prepara-se para instalar o primeiro hipermercado de Brasília.

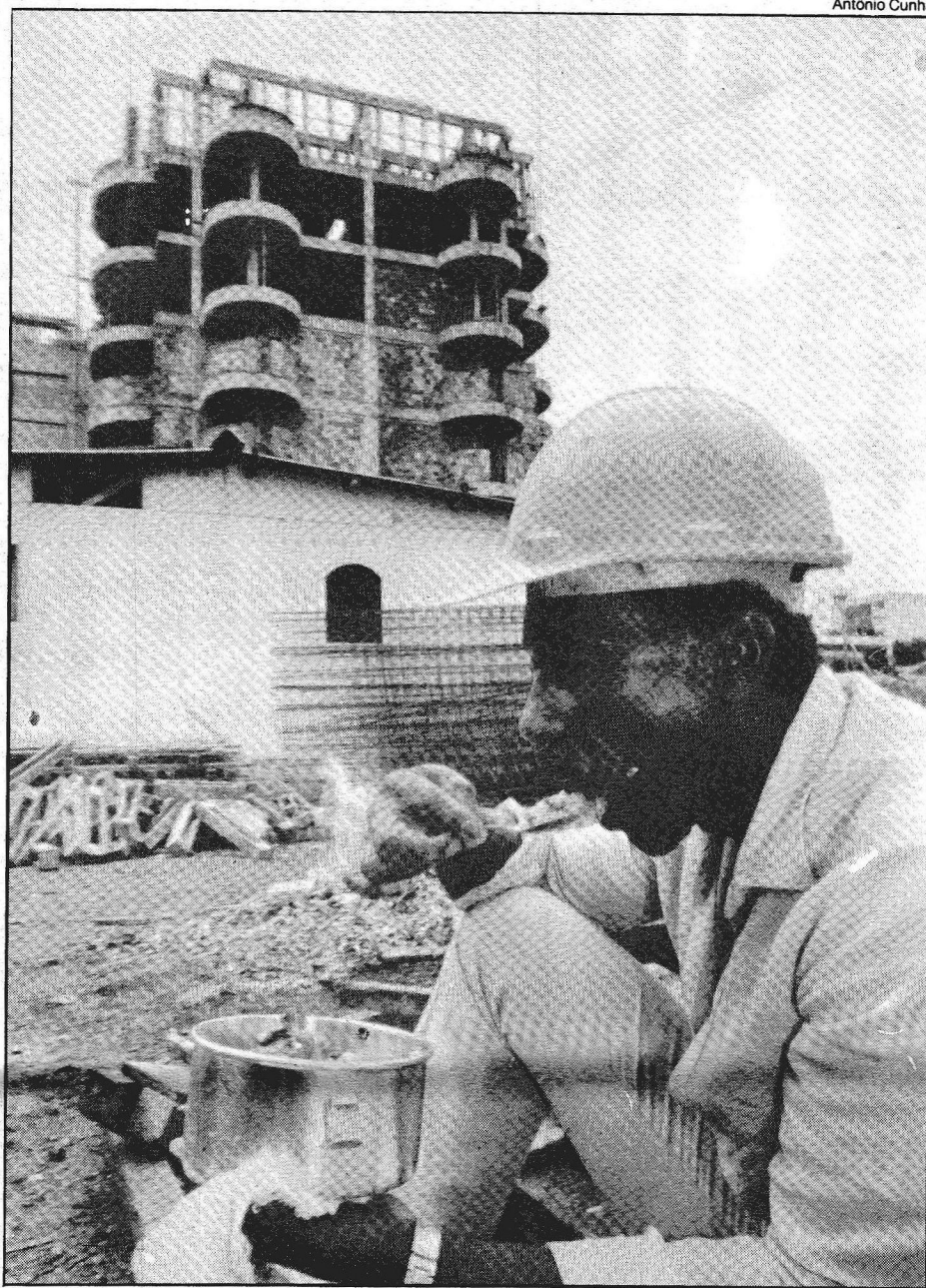
Apesar destes sinais de saúde dos grupos já estabelecidos na região, é preciso mais atividade econômica para absorver não só os novos contingentes de trabalhadores que afluem ao mercado, como também os milhares de migrantes que chegam à capital todos os anos.

Estímulo

O secretário de Indústria e Comércio já planeja estímulos para a instalação de novas indústrias aqui. "O Proin, por exemplo, prevê apoio técnico e alguns incentivos, mas é muito genérico", diz ele. Seu plano é desdobrar o Proin em programas mais específicos.

Ezil quer trazer para o DF indústrias que "utilizem intensivamente mão-de-obra" e cita os setores de informática, confecções de marcas famosas e empreendimentos agroindustriais como aqueles típicos para serem instalados aqui.

Ele garante que a meta do governo Roriz "é promover a industrialização do DF o mais rápido possível", ter como parâmetro a oferta de empregos gerados por essas indústrias e tratar de instalá-las próximos das cidades-satélites, onde concentra-se o grande contingente de mão-de-obra a ser aproveitada.



Indústria da construção ainda é a grande geradora de empregos

Distrito Federal lidera inovações

Todos os projetos inovadores na área de comunicações, antes de serem implantados nas demais regiões do País, são testados em Brasília. Isso faz com que o DF tenha o sistema mais moderno do País. O presidente da Empresa de Correios e Telégrafos (ECT), José Carlos Rocha Lima, deu um exemplo de inovação que estará implantada em Brasília até o final do ano: o CEP será acrescido de mais um número (referente ao número da casa ou apartamento do contribuinte). Assim cada contribuinte terá seu CEP individual.

O efeito dessa mudança é que toda a separação das correspondências para entrega poderá ser mecanizada, o que agilizará em mais de três horas o trabalho dos carteiros. Também na área de telefonia, a cidade está se preparando para enfrentar o crescimento da demanda: o presidente da Telebrasil, Jorge Jardim, promete instalar, até 1995, 506 mil novos terminais, sendo que 30 mil somente este ano. Além disso, prevê para outubro

o lançamento do telefone celular (telefone móvel).

Empresas modernas

Tango Rocha Lima como Jorge Jardim acreditam que para que as Comunicações acompanhem o ritmo da modernidade, suas empresas também precisam se modernizar. "Não adianta ficar brigando por tarifa", diz Rocha Lima, "a saída é inovar e buscar novas receitas". Por isso, a ECT tem projeto para transformar-se num "Banco de Serviços", recebendo pagamentos de contas de luz, telefone e gás; impostos, e até prestações do comércio.

Jardim é da mesma opinião e acredita que o lançamento do telefone celular dará uma boa receita adicional à Telebrasil. "Este é um serviço mais caro que tem mercado em Brasília e que vai dar à empresa uma lucratividade que lhe permitirá continuar vendendo terminais financiados à população de menor poder aquisitivo".

Garantindo sua lucratividade com serviços mais caros, como a telefonia móvel, a empresa poderá, por exemplo, instalar 1000 orelhões novos este ano. "Estamos instalando, também, três mil novos terminais só em Samambaia", exemplificou o presidente da Telebrasil.

Inovar

Rocha Lima diz que está em fase final de implantação um sistema que desfogará o tráfego nas agências dos Correios, especialmente nos horários mais tumultuados (das 8 às 9 horas, do meio-dia às 13 horas e próximo às 16 horas). Está sendo criado um Centro de Distribuição para Grandes Consumidores, que centralizará as postagens de empresas. Isso evitará que, nas filas dos Correios, o contribuinte fique horas esperando quando um mensageiro de empresa está postando toda a correspondência da firma.

Outra saída para reduzir o tráfego de suas agências e aumentar a receita da

ECT, que está já em prática, é a concessão de lojas através do sistema de franquia. Aqui em Brasília já existe um posto por franquia, localizado no final da W3 Norte e, no País todo, já estão funcionando 49 postos dos Correios por este sistema.

A ECT planeja, também, lançar sua própria grife — camisetas com motivos ecológicos e o símbolo da empresa serão vendidos nos postos de atendimento.

No que diz respeito à telefonia, Jardim promete resolver o congestionamento hoje existente para chamadas interurbanas, especialmente para o estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Reunião das empresas telefônicas destes estados e do DF resultou num esquema que tornará as comunicações interurbanas mais fluidas. E dispõe de um orçamento para o plano de expansão de US\$ 130 milhões, o que assegurará o pleno atendimento da demanda. (Marizete Mundim).